



Universidade de São Paulo

Biblioteca Digital da Produção Intelectual - BDPI

Museu de Arte Contemporânea - MAC

Livros e Capítulos de Livros - MAC

2006

Francesco Jodice

<http://www.producao.usp.br/handle/BDPI/50484>

Downloaded from: Biblioteca Digital da Produção Intelectual - BDPI, Universidade de São Paulo

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

27a. Bienal de São Paulo : Como Viver Junto : Guia / [editores Lisette Lagnado, Adriano Pedrosa]. —

São Paulo : Fundação Bienal, 2006.

"7 de outubro a 17 de dezembro de 2006,

Pavilhão da Bienal, Parque do Ibirapuera, São Paulo"

Ed. Bilingüe: português/inglês.

1. Arte - Século 21 I. Lagnado, Lisette. II. Pedrosa, Adriano.

06-6627

CDD-709

Índices para catálogo sistemático:

1. Arte : Século 21 709

27a. BIENAL DE SÃO PAULO **GUIA [GUIDE]**

DEDALUS - Acervo - MAC



21500006775



capa [cover] Guy Tillim *Supporters of Jean-Pierre Bemba line the road as he walks to a rally from the airport, Kinshasa, election* [Partidários de Jean-Pierre Bemba alinham-se na Estrada, enquanto ele caminha para um rally do aeroporto, Kinshasa] 2006 fotografia [photograph] 81,3x123,0cm ed. 5 cortesia [courtesy] Michael Stevenson Gallery, Cidade do Cabo [Cape Town]
contra capa [backcover] Simon Evans *Switzerland* [Suíça] 2006 técnica mista sobre papel [mixed media on paper] 71,1x130,8cm detalhe [detail] cortesia do artista e [courtesy the artist and] Jack Hanley Gallery, São Francisco
orelhas [cover and backcover gatefolds] Facsímile de carta de Gordon Matta-Clark sobre a 11a. Bienal de São Paulo, data de 19 de maio de 1971 [Facsimile of Gordon Matta Clark's open letter concerning the 11th Bienal de São Paulo, dated May 19th, 1971]
p. 1 e [and] p. 276 Tradução para o inglês da carta de Gordon Matta Clark [English translation of Gordon Matta Clark's letter]
p. 4 Florian Pumhösl Foto de pesquisa para o projeto de filme para a 27a. Bienal [Research photo for the 27th Bienal film project] 2006 câmera Hannes Böck coordenação [coordination] Camila Sposati
p. 6 Tomas Saraceno *Flying garden* [Jardim voador] 2005 instalação [installation] detalhe [detail] cortesia [courtesy] Galleria Pinksummer, Gênova e [and] Andersen_s Contemporary Art, Copenhagen foto Sillani
p. 8 Taller Popular de Serigrafía *Banderas del movimiento por la jornada laboral de 6 horas* [Banners for the 6 hour working shift movement] 2004 pintura sobre tela [painting on canvas] 190x255 cm/180x275 cm foto Archivo TPS
p. 10 Jarbas Lopes *Sem título* da série *Cicloviaérea* [Untitled from the series Aerial cycle way] 2001-04 caneta esferográfica sobre papel [ballpoint pen on paper] 31x21 cm cortesia [courtesy] A Gentil Carioca, Rio de Janeiro e [and] Millan Antonio, São Paulo foto Marssares
p. 12 Francesco Jodice *São Paulo city tellers* [Contadores de história de São Paulo] 2006 c-print, acrílico, alumínio [c-print,

FRANCESCO JODICE Nápoles, 1967; vive em [lives in] Milão *São Paulo city tellers* [Contadores de histórias de São Paulo] 2006 c-print, acrílico, alumínio [c-print, plexiglass, aluminum] 180x240cm cortesia [courtesy] Galeria Marta Cervera, Madri

[Helouise Costa] Você poderia falar do ponto inicial de seu trabalho? Minha pesquisa é uma investigação da capacidade das pessoas comuns de assumir o controle e organizar suas próprias paisagens. Fui um dos fundadores da rede Multiplicity em 2000, e desde então faço experiências com todo tipo de pesquisa interdisciplinar. Compartilhar a concepção de projetos com arquitetos, economistas, antropólogos, sociólogos e jornalistas ajuda a produzir projetos de arte como *pesquisa pelo conhecimento*.

Que meios você usa e como você os entende? É o sentido de um projeto que me diz se devo usar fotografia, cinema, cartografia ou outros meios. Uso cultura visual porque hoje as imagens são as ferramentas mais comuns para a interação entre as pessoas. Em meu trabalho, por exemplo, a fotografia é um dispositivo de detecção usado para elaborar questões apropriadas aos fenômenos que vivenciamos.

Você já tinha alguma referência do cotidiano urbano brasileiro antes do convite da 27a. Bienal? Durante minha estadia em São Paulo para minha “residência”, ouvia muita gente falar da violência como um problema importante. Minha impressão é de que o *medo da violência* é o problema real. É uma perspectiva cultural. Fui criado em Nápoles, uma cidade de alto risco por causa da Camorra e da violência nas ruas, mas estamos acostumados a viver dentro do problema — e se você é parte dele, também é parte da solução. Parece que o isolamento mental e físico é a solução mais frequentemente aplicada no Brasil.

Fale de seu projeto para a 27a. Bienal. É um teledocumentário, que será exibido no Pavilhão da Bienal e na televisão brasileira simultaneamente. Fala de São Paulo como paradigma de auto-organização da megalópole contemporânea. Vejo São Paulo como região-cidade fora do controle político, que desenvolve “regras locais alternativas” em vez de “leis de governo”. Vou fazer um projeto de videoarte e colocá-lo num formato de televisão comercial para testar seus efeitos tanto na “elite da arte” como nas pessoas “reais”. É uma oportunidade de fazer uma experiência com a arte usando uma ferramenta política alternativa. Ainda é um trabalho de arte, mas expande o número de usuários através da mídia televisiva. Tento fazer meu projeto “atuar politicamente”, o que não significa que trate de política, mas tem de comportar-se politicamente. Meus projetos investigativos tentam sugerir às pessoas que repensem a necessidade de olhar um para o outro.

[Helouise Costa] Could you talk about the starting point of your work? My research is an investigation on the capacity of everyday people to take control and organize their own landscapes. I was one of the founders of the Multiplicity network in 2000 and since then I have been experimenting with all kinds of interdisciplinary research. To share the conception of projects with architects, economists, anthropologists, sociologists, and journalists helps the production of art projects as *research for knowledge*.

Which media do you use and how do you understand them? It's the meaning of a project that tells me if I should use photography, filmmaking, cartography or others. I use visual culture because images are nowadays the most common interface-tools used by people. In my work, photography, for instance, is a sensor device used to build proper questions to the phenomena we experience.

Did you have any Brazilian urban daily life reference before the invitation to the 27th Bienal? During the time I spent in São Paulo for my residence I heard so many people talking of violence as a main problem. My impression is that the *fear of violence* is the real problem. It's a culture perspective. I was raised in Naples, a high-risk city because of Camorra and street violence, but we are used to living within the problem — and if you are part of it, you are also part of the solution. It looks like mental and physical isolation is the most frequently applied solution in Brazil.

Tell me about your project for the 27th Bienal. It is a docu-tele-film, which will be shown in the Bienal Pavilion and on Brazilian TV simultaneously. It talks about São Paulo as a paradigm of self-organization in the contemporary megalopolis. I see São Paulo as a region-city, out of political control, that develops “local alternative rules” instead of “government laws”. I'm going to do a video-art project and place it into a commercial TV box to test its effects on both the “art elite” and on “real” people. It's an opportunity to experiment with an alternative political tool in art. It is still an art piece but it expands the number of users through TV media. I try to make my project to “act politically” which doesn't mean it has to be about politics, but it must behave politically. My investigative projects suggest to people that they re-think the necessity of looking at each other.

